

GRACILIANO RAMOS, KARL MARX, SIGMUND FREUD E ERNEST HEMINGWAY

Carlos Alberto dos Santos Abel

Primeiras palavras: o ciúme, a vítima e a criação literária

Consideremos os países “pós-industriais”, com sua cultura “pós-moderna”. Consideremos os países periféricos, como o Brasil, onde há regiões ainda pré-capitalistas; outras, vivendo, nos dias de hoje, os pródromos da revolução industrial; ou pequenas áreas que estão, a muito custo, tentando acompanhar o novo surto civilizante, cibernético-informático e informacional.

Consideremos os países do primeiro mundo, os ricos; os do segundo, os ex-socialistas; os do terceiro, onde entra a nossa Belíndia; os do quarto, os africanos *et cetera*; em qualquer deles, há um tema rico para a literatura, em prosa ou verso... o *ciúme*.

Seja num apartamento da 5ª Avenida em New York ou numa cubata africana, haverá esse sentimento devastador; porque sempre encontraremos um amante desconfiado, procurando os ardis do “outro”. Enfiotado ou de tanga, um ciumento raivoso e irracional.

Em qualquer lugar, em qualquer tempo, seja a raça branca, negra, vermelha ou amarela, esbarramos com a formulação freudiana de que “o ciúme é um daqueles estados emocionais, como o luto, que podem ser descritos como normais”.

Na cultura “pós-moderna” ou na da “idade da pedra”, o ciúme continua o mesmo, pois o homem não mudou interiormente. mudou apenas ciberneticamente.

Esse sentimento avassalador é tema de obras-primas como o *Otelo* de Shakespeare e o *Dom Casmurro* de nosso Machado de Assis.

Meu senhor, livrai-vos do ciúme! / É um monstro de olhos verdes, que escarnece / do próprio pasto de que se alimenta. / Que felizardo é o corno / que, cômico de que o é, não ama a sua infiel! / Mas que torturas infernais padece / o que, amando, duvida, e, suspeitando, adora! (*Otelo*, ato III — palavras de Iago).

Esse “monstro de olhos verdes” é *leitmotiv* na obra romanesca de Graciliano

Ramos. Está em três dos seus quatro romances: *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*. Em *Vidas secas*, a ausência desse torturador implacável é um índice social.

No livro memorialístico, *Infância*, a ciuagem aparece, relatada pelo Velho Graça:

Minha avó, grave, ossuda, tinha protuberâncias na testa e bugalhos severos. Anos depois contou-me desgostos íntimos: o marido, ciumento, afligira-a demais. Só aí me inteirei de que ela havia sofrido e era boa, mas na época do ciúme e da tortura não lhe notei a bondade (I, p. 24).

A criatura, alvo da ciuaria, terá desconforto permanente, ainda mais se não houver um sentido objetivo, material — no caso transcrito, o sofrimento causado pelo avô do menino.

Uma ciumenta terrível foi sua segunda esposa, Heloísa de Medeiros Ramos: “As nossas desavenças não tinham base econômica: a causa ordinária delas era um ciúme desarrazoado que a levava ao furor” (MC I, p. 269).

Para aplacar a ciuemeira da esposa, em uma das cartas, com algo de ironia, afirma:

Está aí uma página cheia de S. Bernardo, Ló. Tanta letra e tanto tempo para encher lingüiça! Mas isto prova que a minha atenção está virada para meus bonecos e que não tenho vagar para pensar nas fêmeas do Pernambuco Novo (Ct, n. 65).

A suspeita torna-se um entrave na vida do casal. Graciliano tinha alguns “projetos literários” e acrescenta: “indecisos”, porque, com certeza, “não se realizariam, mas anulavam desavenças conjugais intempestivas, que se vinham amiudando e intensificando sem causa” (MC I, p. 40).

Na véspera de sua prisão, no dia 2 de março de 1936, já demitido do cargo de diretor da Instrução Pública do Estado de Alagoas, tentava melhorar *Angústia*, e rememorava:

Necessitava ainda suar muito para minorar as falhas evidentes. Mas onde achar sossego? Minha mulher vivia a atenuar-me com uma ciuemeira incrível, absolutamente desarrazoada. Eu devia enganá-la e vingar-me, se tivesse jeito para essas coisas. Agora, com a demissão, as contendas iriam acirrar-se, enfurecer-me, cegar-me, inutilizar-me dias inteiros, deixar-me apático e vazio, aborrecendo o manuscrito (MC I, p. 42).

Graciliano Ramos era um escritor que valorizava fundamentalmente a experiência apriorística como qualidade básica do ficcionista. E, pelos textos transcritos, constatamos que ele foi uma vítima do ciúme “desarrazoado” da esposa. Assim cumprindo a sua teorização, usou essa mundivivência para a criação de sua ficção. A vítima sublimou o sofrimento, criando beleza.

Para o dicionarista Caldas Aulete, o ciúme é o zelo do amor... palavras poéticas... Não para Graciliano...

Na narrativa ficcional, e, no caso particular da ciuagem, o ângulo do qual o

narrador conta a história é fundamental.

Usa o método interno, o ponto de vista de primeira pessoa, o “eu” como protagonista, em *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*. Em *Vidas secas*, o método externo, onisciência neutra, relato em terceira pessoa.

O “eu” como protagonista limita a nossa leitura à ótica do narrador-personagem. Sabemos da história apenas o que ele quer que conheçamos, sujeito a todo tipo de deformações, e, às vezes, até de falsificações.

Na onisciência neutra, há fatalmente um maior distanciamento crítico, porque alguém conta histórias de terceiras pessoas.

Utilizaremos a teorização de Freud como ferramenta para nos ajudar a iluminar a obra romanesca do Velho Graça.

Sigmund Freud estuda *o ciúme* (FREUD, p. 99-109), classificando-o como (a) *competitivo ou normal*; (b) *projetado*; (c) *delirante* e, ainda mais, a *paranóia de ciúmes*.

Seguindo essa classificação, esses caminhos, trilharei os patamares determinados por Freud.

Segundas palavras: os ciúmosos nos romances graciliânicos

Dentro do interrelacionamento dos personagens, uns são mais chegados a outros, vivendo seus dramas, afluentes, desaguando no grande caudal do drama principal:

Caetés: João Valério, Luísa, Adrião Teixeira;

São Bernardo: Paulo Honório, Madalena;

Angústia: Luís Pereira da Silva, Marina, Julião Tavares;

Vidas secas: Fabiano, Sinha Vitória.

Caetés

Na cidadezinha interiorana, na sua vida de pequeno-burguês, de humilde classe média, a concretização do romance foi uma aventura, se não gloriosa, pelo menos, buliçosa, para João Valério.

Podemos acompanhar a trajetória daquele amor frustrado em que Luísa, mesmo não sendo nenhum modelo de caráter, fica muito acima do mesquinho e tortuoso João Valério.

Valério é um inseguro. Mesmo quando, em colóquio amoroso com Luísa, devaneava e fazia severa autocrítica:

“Não senti vaidade: senti estupefação. Considero-me indigno do favor recebido. Que valho eu? Consideração mortificadora, porque me trazia a idéia de que Luísa me aproveitara como aproveitaria outro nas minhas condições” (C, p. 146).

Numa discussão com o idoso tabelião Miranda Nazaré, João Valério, após concluir que o velho fizera alusões ao seu caso com Luísa, concluiu: “Patife! Luísa não era a santa que imaginei. Tinha descido. Mas, quando estava alguns dias sem a ver, eu descobria nela todas as perfeições” (C, p. 159).

Deseja a morte do rival, o marido enganado, porque era uma ameaça ao seu amor. Podia ser a causa da perda do objeto amado.

Seria uma felicidade para mim, decerto, a morte de Adrião. Desgraçadamente aquela criatura tinha sete fôlegos. Hoje quase a morrer, de olho duro, vela debaixo do travesseiro, a casa cheia, Padre ao lado, os amigos escovando a roupa preta — e amanhã arrimado à bengala, perna aqui, perna acolá, manquejando (C, p. 168).

Teve medo de que Adrião tomasse conhecimento do adultério. Ciumentamente, normalmente, porém, não completamente racional.

Tinha medo do que diziam de Luísa, encolhia-me aterrorizado, evitava os conhecidos, não ousava encarar Nazaré. No escritório, certos modos impacientes de Adrião davam-me tremuras. Santo Deus! Que teria observado aquele animal? que iria fazer quando chegasse a casa? Despropositar, martirizar a pobrezinha com uma cena de ciúme. Isto me revoltava. Que direito tinha ele de se mostrar ciumento? Um sujeito enfermiço, cor de manteiga, com as entranhas escangalhadas... (C, p. 170).

Uma carta anônima, denunciando os amantes, dirigida ao marido, é a raiz de uma série de acontecimentos infaustos. Patética, a cena. Adrião tentando tirar a verdade de Valério. Mas, também, não querendo acreditar...

Adrião encarou-me:

— É possível que você esteja inocente. Se estiver, perdoe-me. E é possível que seja um traste. De qualquer maneira compreende que não pode ficar nesta casa (C, p. 183).

Adrião tenta o suicídio. Manda chamar Valério. O narrador, na transcrição do diálogo, procura a absolvição:

Tentei sossegá-lo com algumas trivialidades que me ocorreram.

— Isso não interessa, murmurou Adrião. E não tenho tempo para conversar muito. Ouça. A história da carta foi tolice. Exaltei-me, perdi os estribos. Luísa está inocente, não é verdade?

— É verdade.

— Acredito. E já agora, com um pé na cova, não devo ter ciúmes. Não faça caso do que lhe disse ontem (C, p. 198).

João Valério deixa-nos na dúvida acerca da causa que levava Adrião ao suicídio.

O suicídio de Adrião explica-se como efeito de longos padecimentos e embaraços comerciais. “Uma nevrose” dissera o Dr. Liberato. E esta frase curta, que poucos entenderam, teve grande utilidade (C, p. 201-2).

Este romance é uma obra neo-naturalista. Assistimos a determinantes em progressão. João Valério e Luísa não nos surpreendem jamais. Personagens planos, sem nenhuma evolução ou involução psicológica no correr da história, produto daquele meio sem cambiantes e pequeno-burguês.

A postura do narrador quer nos levar a crer que o suicídio de Adrião é antes um efeito de suas doenças, de sua velhice. Talvez até um escorrego econômico-financeiro.

O complexo de culpa de Valério e as aspirações no mundo dos negócios levam-no a afastar-se da antes adorada mulher.

Procura Luísa dois meses após a morte do marido para colocar-se à disposição da viúva e ex-amante, para casar, se assim fosse do seu interesse. Não era...! Terminam tudo...

Durante o diálogo, parece-lhe ouvir a voz de Adrião: “Não se preocupe com a minha morte, rapaz. Havia de fazer o que fiz, estava escrito” (C, p. 217).

Três meses depois, passou a sócio da casa de negócios. Continuou o mesmo ser mesquinho, mas mudou de lado no balcão do comércio. Isto o satisfaz, pois Valério jamais conseguiria amar alguém, chegar a uma comunhão total com outro ser: Demasiado medíocre e egoísta, para alcançar a plenitude da doação espiritual.

Freud assinala que o *ciúme normal* é:

...fácil perceber que essencialmente se compõe de pesar, do sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado, e da ferida narcísica, na medida em que esta é distingüível da outra ferida; ademais também de sentimentos de inimizade contra o rival bem sucedido, e de maior ou menor quantidade de autocrítica, que procura responsabilizar por sua perda o próprio ego do sujeito.

Concluindo: o ciúme de João Valério por Luísa chega ao patamar do *ciúme normal ou competitivo*. Apesar da ligação adúltera, imoral de acordo com os padrões sociais, ele, o amante, coloca-se, na posição do possuidor do amor da mulher; e, assim, vendo o marido como um antagonista, um rival, a ser descartado. Na visão distorcida dos amantes, um rival... no caso, mal sucedido.

São Bernardo

Após dois anos de casado, Paulo Honório começa a desconfiar da ideologia política da mulher. Chega à conclusão de que era “comunista, materialista”.

Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. “Palestras amenas e variadas”. Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo (SB, p. 131).

Paulo Honório preocupa-se com o ateísmo de Madalena. Pelo seu perfil, no íntimo, mesmo sem saber, concordava com o iconoclasta Voltaire, que pensava ser a religião um mal necessário. Intuitivamente, sabia que: “Quanto mais o homem atribui a Deus tanto menos guarda para si mesmo” (MARX, p. 159-60). E o que ele queria? Uma Madalena dócil aos seus ditames, aos seus caprichos. A disciplina, o entregar-se, o nada de si mesma. A submissão total.

Quanto menos restasse a Madalena, quanto menos ela tivesse de si, mais Paulo Honório possuiria.

Do comunismo, passando ao ateísmo, chegou à infidelidade da esposa, ao ciúme. Primeiro, com João Nogueira, o advogado.

Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobranceiras espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena — e comeci a sentir ciúmes (SB, p. 132).

A transcrição anterior termina o 24º capítulo. Começa o 25º com a mesma frase: “comecei a sentir ciúmes”. A semente da desconfiança estava plantada, e logo chegou ao Padilha, um agregado.

Comecei a sentir ciúmes. O meu primeiro desejo foi agarrar o Padilha pelas orelhas e deitá-lo fora, a pontapés. Mas conservei-o para vingarme. Arredei-o de casa, a bem dizer prendi-o na escola. Lá vivia, lá dormia, lá recebia alimentos, bóia fria, num tabuleiro (SB, p. 132).

Suspeitador do jornalista Lúcio Gomes de Azevedo Gondim. Observemos a técnica da narrativa graciliânica — o narrador dirigindo-se ao leitor, procurando captar a sua cumplicidade. Maldade muita de Paulo Honório: “Lembram-se...”

Depois a colaboração no jornal do Gondim. Continuava a colaborar. Pouco, mas continuava. O Gondim e ela tinham sido unha com carne. Lembram-se da tarde em que ele me deu parabéns estupidamente? Familiaridade. E discutiam as pernas e os peitos dela! (SB, p. 135).

As desconfianças de Paulo Honório começam com todos os ingredientes do ciúme normal:

- a) Está apavorado pelo pensamento de perder o objeto amado;
- b) pleno de sentimentos inamistosos como os pseudo-pretendentes;
- c) faz a autocrítica;
- d) e, completando o quadro, o ciumento protagonista não é completamente racional, e por quê? Porque as suas ações não encontram uma correspondência com uma situação objetiva, são fruto de sua imaginação, imaginação castradora.

Paulo Honório alcança depois o ciúme da segunda camada, o projetado. Freud explica esse mecanismo de projeção:

O ciúme da segunda camada, o ciúme projetado, deriva-se, tanto nos homens quanto nas mulheres, de sua própria infidelidade concreta na vida real ou de impulsos no sentido dela que sucumbiram à repressão.

Esse apetite sexual fica bem evidente no capítulo 31, derradeiro elo da suspeita que explode na autodestruição de Madalena — a cena de Rosa do Marciano:

Rosa do Marciano atravessava o riacho. Erguia as saias até a cintura. Depois que passava o lugar mais fundo ia baixando as saias. Alcançava a margem, ficava um instante de pernas abertas, escorrendo água, e saía torcendo-se, com um remexido de bunda que era mesmo uma tentação (SB, p. 155).

Excita-o o prazer sexual, cobiça as “fêmeas”, dentro e fora do casamento.

O prevaricador, para livrar-se do complexo de culpa, a fim de obter “... a absolvição de sua consciência — projeta seus próprios impulsos à infidelidade no companheiro a quem deve fidelidade”. Projeta, pois, em Madalena os seus desejos sexuais pelas outras mulheres, justificando-se com o raciocínio de que ela não é melhor do que ele próprio: Paulo deseja uma camponesa, logo ela deseja outros homens — “A infelicidade deu um pulo medonho: notei que Madalena namorava os caboclos da lavoura. Os caboclos, sim senhor” (SB, p. 150).

Esse capítulo 31 é de importância capital no destino de Paulo Honório e Madalena. Graciliano joga-nos num cadinho de emoções, usando as palavras magistralmente. Ambos, na sacristia, têm a última conversa. Madalena o sabia. Paulo o desconhecia.

O relógio da sacristia tocou meia-noite.
— Meus Deus! Já tão tarde! Aqui, tagarelando...
Levantou-se e pôs-me a mão no ombro:
— Adeus, Paulo. Vou descansar.
Voltou-se da porta:
— Esqueça as raivas, Paulo.
Porque não acompanhei a pobrezinha? Nem sei. Porque guardava um resto de dignidade besta. Porque ela não me convidou. Porque me invadiu uma grande preguiça (SB, p. 163).

Se ele a tivesse acompanhado, talvez ela não se suicidasse... talvez chegassem a um acordo... talvez aceitasse o convite do marido e fossem passear na Bahia,

ou no Rio, ou em São Paulo... talvez... De qualquer maneira, a partir do “talvez”, teríamos outro romance e não esta obra-prima que estamos comentando.

Seguindo a sistematização freudiana, temos de passar lépidos pelo ciúme delirante, porque “O ciúme delirante é sobranter de um homossexualismo que cumpriu seu curso...”. Podemos acusar Paulo Honório, podemos apontar-lhe muitos defeitos, porém, jamais o acoimar de homossexualidade. Entretanto a paranóia de ciúmes aponta-lhe as suas garras... Um paranóico. Raciocínio paralógico.

Essas crises hauriam o material de sua observação de indicações insignificantes, pelas quais a coqueteria inteiramente inconsciente de sua esposa, inobservável por mais ninguém, se traíra para ele. Ela tocara, sem intencionalidade, com a mão o homem sentado próximo a ela; voltara-se demais para ele ou sorria de modo mais agradável do que quando se achava só com o marido. Era extraordinariamente observador de todas essas manifestações do inconsciente dela e sempre sabia como interpretá-las corretamente, de modo que realmente estava com a razão a respeito e podia, além disso, invocar a análise para justificar seu ciúme. Sua anormalidade de fato se reduzia a isso, em vigiar bem mais de perto a mente inconsciente de sua esposa e, depois, encará-la como muito mais importante do que outra pessoa teria pensado fazer (FREUD, p. 102).

O Dr. Magalhães torna-se objeto do ciúme, de suspeitas. Até o Dr. Magalhães, um amigo e... um velho! Nada havia aparentemente, contudo...

Um dia de passagem pela fazenda, o dr. Magalhães almoçou comigo. Espreitando-o, notei que as amabilidades dele para Madalena foram excessivas. Efetivamente nas palavras que disseram não descobri mau sentido; a intenção estava era nos modos, nos olhares, nos sorrisos. Houve, segundo me pareceu, cochichos e movimentos equívocos (SB, p. 137).

Assim como o outro grande paranóico da literatura brasileira, Bentinho, o Dom Casmurro, Paulo Honório começa a duvidar de sua paternidade.

Afastava-me lento, ia ver o pequeno, que engatinhava pelos quartos, às quedas, abandonado. Acocorava-me e examinava-o. Era magro. Tinha os cabelos louros, como os da mãe. Olhos agateados. Os meus são escuros. Nariz chato. De ordinário as crianças têm o nariz chato. Interrompia o exame, indeciso: não havia sinais meus; também não havia os de outro homem (SB, p. 135).

Passa a perseguir Madalena, remexendo suas malas, livros e correspondência. Tinha vontade de agredi-la. “Os fatos mais insignificantes avultaram em demasia. Um gesto, uma palavra à-toa logo me despertavam suspeitas” (SB, p. 137).

À noite, repassando fatos do dia, odeia Madalena, no entanto também se inculpa pelo mau aspecto. Compara-se com o Dr. Magalhães. Reconhece o desleixo.

Em parte a culpa era minha: não me tratava. Ocupado com o diabo da lavoura, ficava três, quatro dias sem raspar a cara. E quando voltava do serviço, trazia lama até nos olhos: dêem por visto um porco (SB, p. 138).

Por causa de uma correspondência que a mulher estava enviando ao Gondim, há uma cena violentíssima, com palavras de baixo calão, chegando a envolver D. Glória.

— Faz favor de mostrar isso?

Madalena agarrou uma folha que ainda não havia sido dobrada.

— Não tem que ver. Só interessa a mim.

— Perfeitamente. Mas é bom mostrar. Faz favor?

— Já não lhe disse que só interessa a mim? Que arrelia!

— Mostra a carta, insisti segurando-a pelos ombros.

Madalena defendia-se, ora levantando o papel com os braços estirados, ora escondendo-o atrás das costas:

— Vá para o inferno, trate da sua vida.

Aquela resistência enfureceu-me:

— Deixa ver a carta, galinha.

Madalena desprende-se e entrou a correr pelo quarto, gritando.

— Canalha!

D. Glória chegou à porta, assustada:

— Pelo amor de Deus! Estão ouvindo lá fora.

Perdi a cabeça:

— Vá amolar a puta que a pariu. Está mouca, aí com a sua carinha de santa? É isto: puta que a pariu. E se achar ruim, rua. A senhora e a boa de sua sobrinha, compreende? Puta que pariu as duas.

D. Glória fugiu com o lenço nos olhos.

— Miserável! bradou Madalena.

E eu só sabia dizer:

— Mostra a carta, perua.

Madalena rasgou o papel em pedacinhos e atirou-os pela janela:

— Miserável!

Saiu como um redemoinho. No corredor ainda gritou:

— Assassino!

Atordoado, murmurei:

— Cachorra! (SB, p. 139-40).

Depois da cena de violência, Paulo Honório cai em si. Desculpa a mulher: “Madalena era honesta, claro” (SB, p. 144).

Honesto, comportado, caridoso. Mas por que chamara o marido de assassino? Só podia ser coisa do Padilha. Resolveu despedi-lo. Discutiram. E o agregado maliciosamente, com uma única frase, envenenou-o: “O senhor conhece a mulher que possui” (SB, p. 148). Fica conjecturando se Padilha saberia de algo. É... Madalena enganava-o...

Suspeita do padre: “Padre Silvestre passou por S. Bernardo — e eu fiquei de orelha em pé, desconfiado. Deus me perdoe, desconfiei. Cavalo amarrado também

come” (SB, p. 150).

Lança um outro provérbio popular que retrata bem seus sentimentos: “Mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho” (SB, p. 151).

Não dormia. E cansava Madalena com acusações:

À noite parecia-me ouvir passos no jardim. Porque diabo aquele Tubarão não ladrava? O safado do cachorro ia perdendo o faro.

Erguia-me, pegava o rifle, soprava a luz, abria a janela:

— Quem está aí?

Seria inimigo, gente dos Gama, do Pereira, do Fidélis? Pouco provável. As ameaças tinha cessado: eu e Casimiro Lopes criávamos ferrugem. Instintivamente, resguardava-me colado à parede. Julgava distinguir um vulto.

— Quem está aí? É bicho de fôlego ou é marmota? Não responde não? E lá ia no silêncio um tiro que assustava os moradores, fazia Madalena saltar da cama, gritando.

Fechava a janela e acendia o candeeiro.

— Que foi? gemia Madalena aterrada.

— São os seus parceiros que andam rondando a casa. Mas não tem dúvida: qualquer dia fica um diabo aí estirado (SB, p. 151-2).

Madalena suicida-se. “Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos da boca” (SB, p. 165).

Este romance tem muitos pontos de contacto com o Dom Casmurro, de Machado de Assis. Ciumentos, Paulo Honório e Bentinho. Contudo Bentinho, sutil, deixa-nos na dúvida acerca da fidelidade de Capitu; Paulo Honório, não, agressivo, direto, durão, não deixa interrogações, assume toda a culpa do desenlace.

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo.

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.

E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte!

A desconfiança é também consequência da profissão.

Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes.

Se Madalena me via assim, com certeza me achava extraordinariamente feio.

Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas (SB, p. 187).

Paulo Honório possuía potencialidades naturais senão não chegaria onde chegou. Considerando-se o homem com todos os defeitos, os pecados inerentes à sua hediondez social; considerando-se que ele não é melhor nem pior do que os de sua classe, os proprietários de terra, os latifundiários; havemos de considerar, como Marx, que Paulo Honório não é apenas um reflexo das condições sociais, mas que

tinha qualidades inerentes, imanentes, que o elevavam acima dos seus pares.

“A profissão é que me deu qualidades tão ruins”. Marx concorda com ele, pois o filósofo concluiu que o homem é formado pela sociedade, e, portanto, a raiz da patologia está nas qualidades específicas da organização social.

O modo como Paulo Honório produz, determina sua prática de vida, seu modo de vida, e essa prática de vida determina seu pensamento. O modo de produção da sociedade agrária da época (de nossa época) determina a estrutura social e política dessa sociedade.

As condições econômicas de Paulo Honório nos diversos estágios de vida provocam motivações psicológicas diversas.

A evolução psíquica de Paulo Honório ocorre dentro de um determinado processo histórico. Não teve família, nem pai nem mãe. Da infância, lembra de um cego que lhe puxava as orelhas e da velha Margarida. Não sabe nem da sua idade, calcula-a... Até os dezoito anos, foi um alugado da enxada. Depois preso por três anos, nove meses e quinze dias. Na cadeia, aprende a ler. Sai da prisão e torna-se eleitor. Pega uns dinheiros num agiota. A partir daí, inicia a marcha para a conquista da fazenda São Bernardo.

Naquela sociedade agrária, onde alguns têm muito, e muitos não têm nada, ele vem do nada para o tudo. Obviamente, a repressão, sofrida pelo guia de cego, pelo vendedor de doces e pelo trabalho de enxada, foi altamente traumática. Refletiu-se cruamente, na qualidade do pensamento e do sentimento do latifundiário Paulo Honório.

São Bernardo, quando a comprou, era uma fazenda decadente — a natureza dominava-a. No processo de evolução, vai-se tornando independente, começa a domá-la e a transformá-la e, assim, a transformar-se também.

A paixão pelo poder tornou-se dominante e isolada da personalidade total, passando a dominá-lo, a governá-lo. É um alienado de si mesmo. Um escravo de uma parte de si mesmo.

Para Marx, Paulo Honório é sadio? Não! Porque, para ele, o homem, plenamente desenvolvido e, por isso, “sadio”, além de ser produtivo, obriga-se a estar genuinamente interessado no mundo, reagindo a ele: não o homem que TEM muito, mas o homem que É muito! O homem “sadio” tem necessidade dos outros seres, não como meio de satisfazer seus desejos e seus interesses, mas porque ele só é completo como homem se estiver em relação com os outros homens. Paulo Honório usa e explora todas as pessoas de quem pode arrancar algo. Não espera receber nada dos outros como um presente, como uma dádiva, toma tudo pela força ou pela esperteza.

E para Freud? Sadio? Sim, dentro da conceituação freudiana, Paulo Honório é sadio, pois atingiu o nível genital sem regressão, vive uma existência adulta, isto é, uma vivência onde trabalha e procura ter satisfação sexual adequada, produzindo coisas e reproduzindo a sua progênie.

Dentro dessa conceituação freudiana, Paulo Honório alcança a sanidade em quase todos os condicionantes. Contudo o conquistador não encontrou em Madalena a mulher que lhe desse “satisfação sexual adequada”. Ele a violentava, e, por isso

mesmo, não alcançava a libertação da tensão provocada pela libido. Esta libertação da tensão só é reduzida através do ato sexual de libertação física, pelo prazer. O prazer era-lhe negado pela sua mulher, seu objeto sexual.

Além da extrema violência na posse da mulher, havia outro condicionante que impedia a sua satisfação sexual: o imenso ego, ego que o levava à fetichização da fazenda São Bernardo e de todos os semoventes que lá trabalhavam, inclusive Madalena. Homem brutal, colérico. Os maltratos levaram à destruição de Madalena.

Paulo Honório, quanto mais crescia, quanto mais rico e poderoso se tornava, mais descontente e mais neurótico se fazia, principalmente após a morte de Madalena, quando se tornou consciente de todas suas torpezas.

Com a morte da mulher, toma conhecimento do seu lado brutal. O ato de conhecer transforma o conhecido e o sujeito que o conhece. Depois da morte de Madalena, Paulo Honório nunca mais será o mesmo: “Estraguei a minha vida, estraguei-a estupidamente” (SB, p. 184).

Karl Marx, nos Manuscritos econômico-filosóficos, aclara-nos o relacionamento de Paulo Honório e Madalena:

Suponhamos que o homem é homem e que a sua relação ao mundo é humana. Então, o amor só poderá permutar-se com o amor, a confiança com a confiança, etc. Se alguém deseja saborear a arte, terá de tornar-se uma pessoa artisticamente educada; se alguém pretende influenciar os outros homens, deve tornar-se um homem que tenha um efeito verdadeiramente estimulante e encorajador sobre os outros homens. Cada uma das suas relações ao homem — ou à natureza — tem de ser uma expressão definida, correspondendo ao objeto da vontade, da sua vida individual real. Se alguém amar, sem por sua vez despertar amor, isto é, se o seu amor enquanto amor não suscitar amor recíproco, se alguém através da manifestação vital enquanto homem que ama não se transforma em pessoa amada, é porque o amor é impotente e uma infelicidade (p. 234-5).

Angústia

A primeira vez que Luís da Silva sente ciúme de Marina acontece dias depois do noivado. Isto, após arruinar-se, para satisfazer os desejos da mulher em roupas e jóias.

Ao chegar à Rua do Macena recebi um choque tremendo. Foi a decepção maior que já experimentei. À janela da minha casa, caído para fora, vermelho, papudo, Julião Tavares pregava os olhos em Marina, que, da casa vizinha, se derretia para ele, tão embebida que não percebeu a minha chegada. Empurrei a porta brutalmente, o coração estalando de raiva, e fiquei em pé diante de Julião Tavares, sentindo um desejo enorme de apertar-lhe as goelas. O homem perturbou-se, sorriu amarelo, esgueirou-se para o sofá, onde se abateu (A, p. 77-8).

O ciúme normal ou competitivo segue sua marcha inexorável. Luís está pesaroso por sentir a perda iminente da mulher amada.

O sentimento de ódio contra o rival, que já existia antes do aparecimento da ciumenta, aumenta... surge o desejo homicida!

Quem teria morrido ali? E alguém me informaria, repetindo as histórias dos cantadores e as conversas das velhas nas fontes: — “Um sujeito que namorou a noiva de outro” (A, p. 80).

Luís penetra no ciúme projetado. O episódio da prostituta (A, p. 82-86) é ilustrativo. Ele estava na Helvética. Surgiu a meretriz. Convidada, sentou-se. Pagou-lhe a ceia. Trocaram algumas palavras. A “criaturinha magra” levou-o para o seu quartinho sujo. Ela despiu-se. Acercou-se dele. Sentado na cama, ficou, sem nem tirar o chapéu. Conversaram. Luís quis dar-lhe conselhos. Repellido. Deu-lhe dinheiro e retirou-se.

Luís da Silva é figura multifacetada. Nega, na intimidade ruidosa, o exterior pacato. A ambigüidade.

Sentiu-se atraído pela rameira. O relacionamento meteórico de Luís e da mulher da vida será mais um elemento a somar na sua tempestuosa vida interior. Para aliviar o complexo de culpa, utiliza um mecanismo inconsciente: projeta seus impulsos à infidelidade em Marina, a noiva a quem deve fidelidade. Leva-o a procurar nela “os impulsos inconscientes do mesmo tipo” e dizer a si mesmo que ela não é melhor do que ele mesmo — instaura-se o ciúme projetado.

E esses pensamentos açoitam-no ainda na casa da infeliz.

Se me viesse aquela desgraça depois do casamento? A sem-vergonha, admiradora de d. Mercedes, tinha feito para cornear marido mais vigilante que eu — “D. Mercedes é linda, parece uma artista de cinema”. Sem-vergonha. Recuperava a minha liberdade. Muito bem. Fazia tempo que não freqüentava as mulheres. Pois estava em casa de uma (A, p. 85).

As palavras de Freud vão explicando, passo a passo, o comportamento ciumento do nosso personagem, até chegar ao paroxismo, ao choque, Luís *versus* Julião.

Sabemos que escreveu a história após os acontecimentos passados. Deste modo, entendemos suas palavras.

Assim, acabei de enlacrar-me. Marina recebeu os panos friamente, insensível ao sacrifício que eu fazia, aquela ingrata. Se eu não tivesse cataratas no entendimento, teria percebido logo que ela estava com a cabeça virada. Virada para um sujeito que podia pagar-lhe camisas de seda, meias de seda. Que valiam os tecidos grosseiros comprados ao velho Abraão, ou Salomão, o tio de Moisés? Nem olhou os pobres trapos, que ficaram em cima de uma cadeira, esquecidos (A, p. 88).

Depois do romance acabado, o que permaneceu, na lembrança do narrador, foram reminiscências ligadas a ratos, a urubus, à sujeira, à podridão. E Marina? Marina, a nebulosa. Um jogo de ires e vires, sem chegar a lugar algum.

De todo aquele romance as particularidades que melhor guardei na memória foram os montes de cisco, a água empapando a terra, o cheiro dos monturos, urubus nos galhos da mangueira farejando ratos em decomposição no lixo. Tão morno, tão chato! Nesse ambiente empestado Marina continuava a oferecer-se negaceando. Conservava-me preso, fazendo gatimanhos, esticando a saia estreita que lhe mostrava bem as coxas e as nádegas (A, p. 90).

Luís vai-se atormentando com o procedimento escandaloso de Marina e de Julião Tavares. Comenta-o com a mãe da noiva. Começa a crescer a idéia de desmanchar o casamento.

Eu sentia prazer em atormentar a pobre da velha:

— D. Adélia, olhe para a minha cara. A senhora me acha com jeito de corno?

— Deus me livre, seu Luís, exclamava a mulher recuando e arregalando os olhos. Eu havia de achar semelhante barbaridade? (A, p. 91).

Luís começa a desandar. Misturado com o ódio a Marina e a Julião, aparecem os ratos, os grilos, os galos, as formigas — animais e insetos. Todos perturbando a vida do pacato Luís Pereira da Silva.

Não houve entre os noivos nenhuma briga, aconteceu o distanciamento — em um mês, eram inimigos.

De sua casa, parede com parede com a de Marina, Luís ouvia os ruídos das festas, propiciadas por Julião às duas mulheres.

Passa a espionar o casal. Lentamente, vai-se desligando da realidade objetiva, para entrar num falicismo, onde a corda, a cobra, os canos, simbolizam o poder do animal-homem, símbolos da vida e da morte.

Assim, um objeto alongado, que simboliza num primeiro momento o falo, pode acabar (depois de uma série de etapas intermediárias cada vez mais abstratas) por significar a sensação do poder em geral (LAPLANCHE & PONTALIS, p. 249).

De vez em quando, pensa em recuperar Marina, “As mulheres não são de ninguém”. Poderiam ainda ser felizes.

Marina engravida. Julião, o sedutor, afasta-se.

Luís vigiava todas as manifestações da futura mãe.

A partir da gravidez, a paranóia de ciúmes, reflexo de seu caótico mundo interior, expresso pelo fluxo da consciência, ininterrupto, descontínuo, é acompanhado de estágios de depressão e de impulsos de agressão. Depressão pela perda

da mulher e de sua inutilidade, impulsos de agressividade expressos pela vontade de assassinar Julião Tavares.

Não haveria desatino; as duas mulheres eram fatalistas e queixavam-se da sorte. Malucas. Revoltava-me o recurso infantil de se xingarem, arrancarem os cabelos. Era evidente que Julião Tavares devia morrer. Não procurei investigar as razões desta necessidade. Ela se impunha, entrava-me na cabeça como um prego. Um prego me atravessava os miolos. É estúpido, mas eu tinha realmente a impressão de que um objeto agudo me penetrava a cabeça. Dor terrível, uma idéia que inutilizava as outras idéias. Julião Tavares devia morrer (A, p. 145).

A timidez de Luís é um fator na concretização da agressão. Somando-se à timidez a vida de um homem sem amigos (a não ser Moisés); sem interesses sociais; de família de ex-latifundiários empobrecidos; um ínfimo funcionário público; intelectual frustrado; órfão de pai, ainda infante, e sem mãe.

Um dia, seguiu Marina até a casa de d. Albertina de tal, parteira diplomada. Enquanto a esperava, sua imaginação seguia sem freios, caminhando pelos mais recônditos caminhos da vida, dele e dos outros, de Marina, dos pais, da política, da gramática, da polícia, dos jornais... Marina conseguiu o que desejava: abortou. Quando ela reapareceu, acercou-se e agrediu-a com um palavrão, repetido várias vezes: "Putá"!

O ódio espraiou-se, tornou-se seu ser, buscava Julião incessantemente. Investigando, descobriu o endereço da nova amante da futura vítima. Passou a segui-lo. E, um dia, enforcou-o...

Julião estrebuchava. Tanta empáfia, tanta lorota, tanto adjetivo besta em discurso — e ali estava, amunhecando, vencido pelo próprio peso, esmorecendo, escorregando para o chão coberto de folha secas, amortalhado na neblina (A, p. 198).

Luís da Silva passou pelos patamares do *ciúme normal ou competitivo*, pelo *ciúme projetado* e mergulhou na *paranóia de ciúme*: "Freud inclui na paranóia não só o delírio de perseguição, como a erotomania, o delírio de ciúme e o delírio de grandeza" (LAPLANCHE & PONTALIS, p. 334).

Não foi atingido pelo *ciúme delirante*, pois, assim como Paulo Honório, em nenhum momento encontramos, no seu comportamento, qualquer condimentação homossexual.

A vingança não o levou a nada... continuou no vazio... teve um deslumbramento no instante da destruição. Depois... nada! — "Inútil, tudo inútil" (A, p. 200).

Vidas secas

Fabiano e Sinha Vitória são utilitaristas e pragmáticos nas relações de marido e mulher; nas relações com os filhos e nas relações com a natureza.

Vivem, para sobreviver. Personagens animalizados — a vida e a morte, a alienação, fê-los desta maneira.

Fabiano, Sinha Vitória e os dois meninos são alugados. Os alugados põem sua existência na construção dos latifúndios, na construção da riqueza dos outros. O trabalho é contínuo e quanto mais trabalham menos têm: “o trabalhador desce ao nível de mercadoria, e de miserabilíssima mercadoria; que a miséria do trabalhador aumenta com o poder e o volume da sua produção” (MARX, p. 157). A “valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens” (MARX, p. 159).

Os trabalhadores, os alugados, os Fabiano, não se sentem como sujeitos de seus próprios destinos, como pessoas que pensam, que sentem, que amam... Não se realizam como seres humanos. São apenas engrenagens da máquina latifundiária, por “consequente, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si” (MARX, p. 162).

O trabalho alienado aliena o homem de si, de seu próprio corpo, de sua vida mental, de sua vida humana e aliena-o dos outros homens.

Na passagem do século XIX ao XX, um vislumbre de felicidade, frustrada, na passagem do escravo a trabalhador assalariado. Contudo continua o empregado do campo no trabalho servil, juntamente com seu companheiro operário na cidade.

Por causa da existência sem esperança, Fabiano e sinha Vitória têm poucos momentos de carinho. Sempre e sempre, quando acontecem, aparece a sombra da adversidade e esmorecem.

O coração de Fabiano bateu junto do coração de sinha Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava (VS, p. 13).

No último capítulo, “Fuga”, os retirantes deixam a fazenda, quando a seca novamente a domina. Vão deixando o deserto, caminhando lentamente, em busca da miragem da esperança. A viagem, dolorosa, triste.

Naquele turbilhão de desgraça, Graciliano cria uma página de puro erotismo agreste. Amor sensual, sensitivo, carnal, caldeado pelo “humour” graciliânico. Um processo de animalização, animalização lírica, onde Mestre Graça deixa transbordar todo o amor que sente por esses semoventes desamparados do seu Nordeste:

Os pés calosos, duros como cascos, metidos em alpercatas novas, caminhariam meses. Ou não caminhariam? Sinha Vitória achou que sim. Fabiano agradeceu a opinião dela e gabou-lhe as pernas grossas, as nádegas volumosas, os peitos cheios. As bochechas de sinha Vitória avermelharam-se e Fabiano repetiu com entusiasmo o elogio. Era. Estava boa, estava taluda, poderia andar muito. Sinha Vitória riu e baixou os olhos. Não era tanto como ele dizia não. Dentro de pouco tempo estaria magra, de seios bambos. Mas recuperaria carnes. E talvez esse lugar para onde iam fosse melhor que os outros onde tinham estado (VS, p. 121).

Considerando-se a temática abordada, o *ciúme*, constatamos que Fabiano e sinha Vitória, no desenrolar de suas “vidas secas”, de “homo fictus”, em nenhum momento demonstraram esse sentimento.

Seres francos, diretos, primários, solitários, sobrevivem, — não vivem! —, na brutalidade do sertão, dominado pelas forças da natureza, dominado, porque os políticos, porque a burguesia e os proprietários de terra o querem assim.

Terra da morte violenta, da destruição, da seca, da ignomínia social, das perversidades deste nosso mundo, dominado pelas forças do mal, pelos chamados “homens de bem”, pelo latifúndio mais destrutivo e mais doentio, aliado à burguesia das mais atrasadas e selvagens do universo, em total mancomunação com o Executivo, o Judiciário e o Legislativo — suas criaturas — porque eles são eles mesmos, representam-se a si mesmos.

Como nos diz Marx, Fabiano (e o brasileiro proletário ou camponês) só se sente livremente ativo “nas suas funções animais — comer, beber e procriar, quando muito, na habitação, no adorno, etc., — enquanto nas funções humanas se vê reduzido a animal. O elemento animal torna-se humano e o humano animal” (MARX, p. 162).

Terceiras e últimas palavras: Graciliano e Hemingway

Lendo *Vidas secas*, ficou-me gravada, na mente, uma frase, um achado de Hemingway, em *The old man and the sea* (O velho e o mar): “The man can be destroyed, but never defeated” (“O homem pode ser destruído, mas nunca derrotado”). *The old man and the sea*, publicado em 1952; *Vidas secas*, em 1938.

Sem estabelecer paralelos, quase sempre odientos, vejo uma grande homologia nas posições de Santiago (protagonista de Hemingway) e de Fabiano. Um, personagem da água, o outro, personagem da seca. Um pescador, o outro, vaqueiro. Figuras comuns, mas, paradoxalmente, epopéicas. Não são o uno, o individual, são a coletividade, o povo, independente de espaço geográfico ou temporal. E o povo, nas suas andanças, não pode ser detido, derrotado, pode ser, sim, destruído, pela ação da natureza ou pelas forças do poder dominante, porém, qual Fênix rediviva, renasce, retorna, e, em algum dia, conseguirá se sobrepor aos seus opressores.

Essa a mensagem dos dois grandes romancistas, dois humanistas, preocupados com os dominados, os usurpados, os perseguidos. Retratam o drama do povo face à escalada materialista que envolve todo o mundo capitalista, liberal, neo-liberal ou qualquer outro jargão usado, para doirar a pílula da opressão.

Nos seus romances, encontramos a verdadeira História, a história dos vencedores, mas também a dos vencidos, porque essa só aparece na ficção. A história dos proletários e dos camponeses não existe para a história oficial.

Nós, que trabalhamos a literatura, emocionamo-nos, quando encontra-

mos uma literatura dessa qualidade estética, preocupada em desvelar a realidade do mundo empírico. E pensamos que nem tudo está perdido...

Para Ezra Pound (p. 77-8), o artista é a antena da raça, e a nação que negligencia as suas percepções entra em declínio; depois de um certo tempo, ela cessa de agir e apenas sobrevive...!

ABREVIATURAS

O objeto do nosso ensaio são os escritos de Graciliano Ramos, assim, usaremos siglas, para nomeá-los, como se segue:

A.....	<i>Angústia</i>
C.....	<i>Caetés</i>
Ct.....	<i>Cartas</i>
I.....	<i>Infância</i>
MC 1.....	<i>Memórias do cárcere</i> , 1 ^o . volume
SB.....	<i>São Bernardo</i>
VS.....	<i>Vidas secas</i>

Bibliografia

FREUD, Sigmund. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. In: —. *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher: Psicanálise e telepatia e outros trabalhos*. Dir. e rev. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1976 (Pequena Coleção das Obras de Freud, 16).

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa, Ed. 70, 1993.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. São Paulo, Cultrix, 1983.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 22. ed. Rio de Janeiro, Record, 1980.

_____. *Caetés*. 16. ed. Rio de Janeiro, Record, 1980.

_____. *Cartas*. Rio de Janeiro, Record, 1981.

_____. *Infância*. 16. ed. Rio de Janeiro, Record, 1980.

_____. *Memórias do cárcere*. 12. ed. Rio de Janeiro, Record, 1979. v. 1.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 34. ed. Rio de Janeiro, Record, 1980.
_____. *Vidas secas*. 46. ed. Rio de Janeiro, Record, 1980.

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS ABEL é professor de Literatura Brasileira na UnB, doutor em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.